



1978

Pôster

IV Congresso Internacional em Avaliação Educacional
Avaliação: Perspectivas para a Escola Contemporânea

OS ENTRAVES NO PROCESSO AVALIATIVO NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Maria Stela Oliveira Costa
mariastelaoc@bol.com.br
Universidade Americana

Introdução

Devido à dificuldade de pesquisas sobre a avaliação de aprendizagem dos surdos decidimos abordar e ampliar nossas discussões para servir de base e reflexão sobre esta problemática. A prática avaliativa dos surdos é questionada e considerada principalmente por eles como inadequada.

Para que o professor leccione com competência e saiba avaliar seus alunos de forma coerente e acertada é necessário que ele tenha uma boa formação, por ser de fundamental importância uma vez que se configura como uma política de valorização do desenvolvimento profissional e pessoal dos professores e das instituições escolares e que supõe condições de trabalho que propicie a formação contínua destes profissionais.

O motivo pessoal para a realização desta pesquisa justifica-se porque desde 1986 lecionamos alunos com deficiência auditiva e sempre nos deparamos com várias dificuldades na hora de avaliá-los. E, existe um grande problema que nos persegue, ou seja, não temos parâmetros de como proceder e temos o desconhecimento em nossa formação docente dos critérios específicos que cada deficiência necessita para bem avaliá-los.

Pretendemos analisar sucintamente todos os entraves nas avaliações dos surdos, bem como os procedimentos dos professores, na hora de avaliá-los.



Sabemos que a avaliação é um processo contínuo que visa o constante aperfeiçoamento da aprendizagem, envolvendo julgamento de valores. Libâneo (1994) enfatiza que “a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem”.

O paradigma da nota que desvirtuou o sentido da avaliação e da sua burocratização no ensino-aprendizagem, levando os alunos a fraudar, colar, pescar, legitimando que a escola não está alcançando seu objetivo de propiciar um saber autêntico, crítico e competente. (GANDIN, 1995; FLEURI, 1986; ROMÃO, 1992)

Mas a questão é: Como os surdos estão sendo avaliados? E como devem ser avaliados? E em relação à língua Portuguesa o problema ainda é maior. Os professores de surdos ao avaliá-los em língua portuguesa, se deparam com um grande problema: a imperfeição nos níveis semântico, fonológico, morfológico, sintático e pragmático.

Muitas pessoas envolvidas nesse processo defendem que o professor não deve supervalorizar os erros da estrutura formal da língua portuguesa, em detrimento do conteúdo. Não se trata de protegê-lo ou aceitar o erro do surdo, mas trabalhá-lo novamente para que sejam superadas as dificuldades.

Os defensores desta idéia revelam que os professores devem estar cientes das dificuldades que os surdos têm em redigir a língua portuguesa impedindo de compreender até pequenos textos e palavras. Esta pobreza de vocabulário dificulta a leitura e a escrita do surdo.

Em relação ao nível morfossintático os surdos usam substantivos no lugar de adjetivo, omitem verbos e usam de forma inadequada as desinências verbais e nominais,



1980

Pôster

IV Congresso Internacional em Avaliação Educacional
Avaliação: Perspectivas para a Escola Contemporânea

não usam conjugações e preposições e ao escrever utilizam freqüentemente a estrutura da língua brasileira de sinais (Libras).

O professor em sua formação deve entender que avaliar faz parte da sua função e responsabilidade e implica no sucesso da aprendizagem dos alunos. Em relação aos deficientes, a avaliação é praticada comparando-se os desempenhos dos indivíduos. Este tipo de avaliação segundo Beyer (2005, p.96-97) “é nociva e hierarquizante quando classifica a criança num cenário de juízos qualitativos como “fraca, débil, com distúrbio, com alguma síndrome, com deficiência”.

É imprescindível e relevante a formação acadêmica dos profissionais de educação, porque dentre os envolvidos no processo de aprendizagem, o professor é o líder deste processo, levando os outros envolvidos para a reflexão coletiva contínua sobre a prática pedagógica, favorecendo esta relação aluno/conhecimento.

Quando o professor dispõe-se a refletir sua prática, ele se abre para compreender o aluno e seu mundo. Confronta o que descobre sobre seu aluno concreto e o que aprendeu sobre aquele genérico em seu curso de formação, tornando-se mais competente para ensinar. (COSTA, 1999).

É interessante delinear a proposta da formação de professores para a educação especial, ou seja, o professor deve:

estar subsidiada em análises de conhecimento científico acumulado a respeito das competências necessárias para atuar nessa área e de como desenvolvê-las, da concepção que se tem sobre educação inclusiva e das características da realidade na qual a proposta se insere. (MENDES, 2002, p.12).



A falta de uma formação adequada aos professores capaz de promover respostas educativas satisfatórias no processo ensino-aprendizagem e devido a todas as polêmicas que envolvem as avaliações dos surdos que vêm sentindo-se prejudicados e sofrendo reprovações e permanecendo por dois, três, quatro anos na mesma série, acarretando desestímulo, baixa auto-estima e desencadeando muitas vezes na desistência de continuar os estudos é que se justifica esta pesquisa.

Devemos, portanto rever estas metodologias e atitudes em relação à avaliação dos surdos porque existem muitas particularidades que não estão sendo respeitadas no seu processo ensino-aprendizagem, privando-os do pleno exercício de sua cidadania.

Problematização

Considerando os vários problemas enfrentados tanto pelos surdos quanto pelos os professores que lecionam alunos especiais em nosso país, decorrentes do contexto problemático das reformas propostas para a formação de professores em geral, da inclusão e da própria história dessa área específica da educação especial, e da cultura tradicional de avaliação instalada na escola que tende a se manter, surgiram interrogações sobre a problemática em foco conferida com o título – Os entraves no processo avaliativo na educação dos surdos – o que sugere as questões iniciais que estão sendo investigadas:

1. Quais os entraves mais freqüentes que os alunos surdos vivenciam no processo avaliativo de aprendizagem nas escolas públicas estaduais do Ceará?



2. Como os professores que lecionam surdos têm interagido com a concepção e operacionalização de avaliação de aprendizagem?
3. Como a avaliação posta em prática tem contribuído para o desenvolvimento dos alunos surdos no processo de aprendizagem e para o aprimoramento da prática docente?
4. Quais as diferenças entre a proposta avaliativa dos surdos e a dos ouvintes?
5. Que avanços podem ser considerados em relação à atitude avaliativa dos professores que lecionam surdos?
6. Que tipo de mudanças deve ser repensado no processo avaliativo dos surdos?

Após essa problematização inicial, considerando a experiência dos professores, e a insatisfação que vem gerando a avaliação na educação especial, que em vez de propiciar o desenvolvimento dos alunos e apontar melhorias, vem cada vez mais insistindo na discriminação e no isolamento dessas pessoas do convívio com os ouvintes, estamos analisando os entraves que têm permeado a prática avaliativa dos surdos. Nesse sentido, estão sendo evidenciadas metas para consolidar a avaliação como prática de investigação e diagnóstico.

Para isso estão sendo aprofundada a situação social na qual os surdos estão imersos, com discussões a respeito de toda problemática que envolve a avaliação para compreender as interferências na vida escolar desses sujeitos já tão estigmatizados.

Conclusões Parciais

Como se trata de uma tese de Doutorado em andamento, tem-se resultados parciais, porém constatamos



que os surdos estão constantemente sendo prejudicados nas avaliações devido a conotações diferentes que envolvem a área da deficiência auditiva, ficando relegada a discussão da avaliação quase ao esquecimento.

Um dos maiores entraves dos surdos que prejudica na avaliação é a questão da língua. Os surdos usuá-rios da língua brasileira de sinais no Brasil até hoje não têm como escrever em sua própria língua, tendo que usar o Português escrito, sua segunda língua, encontrando grandes dificuldades de expressão. O estudo constatou que a produção escrita do surdo é feita com muita dificuldade e na leitura, mesmo após anos de escolaridade, a compreensão é pequena. Esta defasagem no seu desenvolvimento lingüístico é consequência do ranço do oralismo que perdurou durante séculos, gerando graves prejuízos .

Além dos fatores acima citados precisam ser levados em conta o currículo, as adaptações ambientais e atitudinais, a formação dos professores, os estigmas, os mitos sobre a surdez e a inclusão como forma de superação da exclusão.

Esperamos que esta pesquisa seja um incentivo para aqueles que queiram conhecer, ampliar seus conhecimentos e melhorar o processo avaliativo na escolarização dos surdos.

Bibliografia

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e Avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

CEARÁ. **Diretrizes 2006**. Secretaria de Educação Básica. Fortaleza: SEDUC, 2005.



1984

Pôster

IV Congresso Internacional em Avaliação Educacional
Avaliação: Perspectivas para a Escola Contemporânea

COSTA, Marisa C. Vorraber. **Trabalho docente e profissionalização**. Porto alegre:artmed,1999.

FLEURI,Reinaldo Matias. **Notas: para que?** Revista educação AEC, Brasília, n°60, abril/ julho, 1986.

GANDIM, Danilo. Algumas idéias sobre avaliação. **Revista de educação AEC**, Brasília, n°97, out/dez, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MENDES, Edicéia Gonçalves. Desafios atuais na formação do professor da educação especial. **Revista Integração**. Ano 14,n° 24,Brasília:2002.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação e qualidade do ensino: implicações sócio-políticas**. Minas Gerais: Coleção AMAE, 1992.